

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 121

Preço avulso 1 Escudo

16 Paginas

O DOMINGO

ilustrado



Um monumento vivo de foot-ball !

Sensacional fase colhida num magnifico instantâneo pelo nosso fotografo no ultimo desafio de foot-ball Barreirense-Imperio e em que as figuras

Uma ideia genial o dicionario dos empenbos

O homem costumava parar á porta do Ministerio do Interior. Ia para ali por volta das onze horas. Divagava pela arcada até á uma; depois ia petiscar uma sandwich, voltava, e, até ás cinco, postava-se firme encostado á hobreira, á espera de quem entrava e de quem saía. Podia vir alguém conhecido, podia surgir uma oportunidade qualquer, enfim, estava ali para o que desse e viesse, principalmente para o que viesse, dada a sua attitude de estar á espera que lhe ficara de criança quando ia para a porta do Coliseu a vêr quando entrava uma familia que o podesse adoptar momentaneamente como filho para ir vêr os palhaços ou os cavalinhos.

— Agora já não ha cavalinhos, — dizia ele ás vezes com sincera saudade — são tudo cavalos.
Talvez tivesse razão.

Mas o que fazia este homem, miudinho, remexido, engrovitado, todos os dias ali, áquela sublime porta ministerial com um caderno de capa de oleado e de lapis em punho? Vão lá sabe lo. Arquimedes Maria Diniz, tal era o seu nome, coligia apontamentos, pormenores indiscretos, dados elucidativos para uma grande obra, a obra maxima do seu espirito inventivo criado á custa de uma tormentosa vida de pretendente levada entre dois *tenha paciencia e tres não pode ser*.

Arquimedes Maria Diniz á força de passar inclemencias na vida por nunca ter conseguido um empenho de tomo acabara por ter uma ideia que aproveitando aos pretendentes modernos ainda lhe viesse a aproveitar a ele.

Essa ideia era nada mais nada menos do que o «Dicionario dos Engenhos».

Quando ele comunicou a sua descoberta, a sua *Eureka* de novo arquimedes abraçei-o com verdadeiro entusiasmo. Depois da aritmetica de Euclides, da «Civilidade» de João Felis Pereira do almanaque comercial nenhum outro livro pode ter nas sociedades modernas maior e mais benefica influencia. E disse lhe comovidamente:
— Boa ideia seu Soares!

Vi em provas o primeiro fasciculo. Fiquei verdadeiramente assombrado. Por exemplo, logo no principio da letra A:

Aarão (da Costa) terceiro oficial das Finanças. Faz serviço no 8º Bairro. Deve quatro contos ao Cabral da loja dos moveis de Santa Engracia. Casado com uma senhora quinze anos mais nova, educada no Bom Pastor a qual esteve tres anos como enfermeira no hospital de Santo Antonio. Medico da enfermaria era o Dr. Bessa Correia. E' boa esta recommendação, principalmente nos fins dos meses.

Abel (da Conceição) Professor no Liceu João de Barros, Nomeado por influencia do Director Geral do Ministerio das Comunicações. Costuma ir ao Mayer ás quintas e sabados. Das 4 para as 5 é certo no café Montanha. A *consuelo* do Variedades já teve este ano quatro aprovações por sua conta. Casado. E' inutil pedir á mulher.

Adão (Francisco Manuel) empresario teatral. Em geral nunca está em parte alguma. Impossivel um pedido directo, salvo o de *borlas* para os seus espectaculos. Recorrer ao empenho por tabela, dizendo mal dêle num jornal ou elogiando a sua «estrela» preferida noutra gazeta. As duas coisas ao mesmo tempo, dá seguros resultados. Nunca se lembram de pedir por intermedio do capitalista da empresa. E' contrapeso ducente, e geralmente dão-se sempre mal.

Almeida (João Fedro de) medico. Consultas das 6 ás 7 na travessa dos Remolares. Amigo particular do Comendador Rebelo Pita e particularmente intimo de uma cunhada do mesmo. Tem um processo pendente no Tribunal dos Grandes Delitos. O juiz mora na rua do cego 106.

Sitios certos: ás 2 a almoçar no Royal; das 3 ás 4 á porta da Monaco; á noite, entrar ás 9 e ás 19, em casa do comendador. A sobredita cunhada deste é amiga intima da esposa do advogado Xavier Bandeira.

Fizeste ao mesmo tempo um romance e uma obra de historia, um tratado de filosofia e um album de costumes. Com esse precioso livro alcançaste uma celebridade que o proprio Homero invejaria. O que é a *Itada* ao pé do teu Dicionario? O que é o *Drot Coatin* em face desta obra de genio? Zeros, simples zeros, brinquedos infantis, inutilidades... Mas—e aqui é que está o *busillis*— como é que tu, grande homem, consegues actualizar esse espantoso livro? Quando sair o segundo tomo já o primeiro está *de-modê*.

Tem razão, meu amigo, tornou-me Arquimedes. Essa é a grande dificuldade. Mesmo com uma edição mensal tem de haver formidaveis lacunas. Vê? Já emendei duas vezes esta quinzena

o nome da mulher que está com este sujeito. As mulheres sobretudo é que me atrapalham. Os homens são mais persistentes, até em ser enganados. O que me vale é que algumas indicações dispensam o sexo fragil.

Quere ver?
E mostrou-me então este parágrafo. *Anatolio* (Pedro Maria) funcionario publico, poeta e editor de si mesmo. Esteve três mezes no Bussaco com o Joãozinho de Sousa, primo do Figueira, cabeleireiro na travessa das Almas. Fornecedores certos: «Paris em Lisboa», «David e David» e «Eduardo Martins».

— Como vê são tudo homens. Ao menos assim é um descanso!

XISTO SENIOR



«OS SETE DEMONIOS»—(contos do Natal) por Maria Madalena.

A História e a Lenda, de braço dado, em conversa amiga e despretençiosa... Painéis históricos, entrevistas através de brumas poéticas... Prosa de brando ritmo, de curto mas cadeado fôlego... E' isto o livro «Os Sete Demonios», o mais recente volume firmado pela S'nhora D. Maria Madalena de Martel Patrio. Em volta de personagens históricos— e do mundo das letras ou das artes— D. Sebastião, Mariana Alcoforado, Vieira Lusitano, D. João da Sylva, o grande Regedor—o Beato António—, Maria Madalena ar, u tectou uma lenda de amor ou de piedade, e, como tenha ao seu dispor excepcionais recursos de emoção e de bom gosto literário, compôs uma obra que se lê com o maior interesse.

IDEAS DE OUTROS (Ensaio sobre literatura e estetica teatral, seguidos de uma novela)—por Eduardo Scarlatti.

Muito digno de apreço, é o trabalho destinado á interpretação e critica e algumas idéas e obras capitais da moderna literatura dramática.

Pode-se discordar de certas maneiras de vêr, talvez demasiado esquemáticas, mas é inegável que o sr. Eduardo Scarlatti defende triunfantemente as suas afir ações, e m argumentos bem firmados no intimo conhecimento da matéria analisada.

Contudo, manda a verdade—a mesma verdade que manda aplaudir—que se lamenta o emprêgo, em assunto de tal complexidade, duma prosa tão nebulosa, duma obscuridade muito capaz de cançar a vista e a paciência. Quem está familiarizado com a prosa limpa, de tão agradável clareza, dos ensaistas franceses, até dos menos categorizados, sentirá bem o maior «senão» destes ensaios portugueses, agora vindos a lume. Lembremos apenas as próprias páginas de auto-critica de François de Curel, um dos autores estudados.

Não desconheço que a lingua francesa oferece, graças a qualidades inatas, uma excepcional facilidade de exposição, mas não me esqueço tambem que temos ensaistas por queses da mais impecável nitidez, como seja—p r exemplo—os Srs. Drs. António Sergio e Fidelelino de Figueiredo. Está bem demonstrado que é uma questão de boa vontade e de desprezo por deslocadas bizarras em palavras de forma

o conseguir a tradução, em palavras claras, das idéas mais transcendentas.

O sr. Eduardo Scarlatti escreveu um livro de critica e exegese literária que, em certos passos, apetece lêr duas vezes. Não é mérito invejável, em obras de idêntica filiação espiritual. Faço votos por que o mesmo notavel publicista nos dê, em breve, um livro que se lê apenas uma vez, mas deixe mais saudades, por gastar menos atenção.

Teresa LEITÃO de BARROS

Grandes Armazens Barroca

Moveis, estofos, decorações, pianos e outros artigos.
Secção especial de antiguidades
31, R. da Atalaia, 35 Telef.: T. 1095

Perfumaria Ideal

Productos de beleza dos melhores especialistas. Perfumes a peso.
CABELEIREIRO DE SENHORAS E CRIANÇAS

113, RUA RETROZEIROS, 113

PULVERISADORES

Torpidas e seus pertences, Pulverisadores BILA para tratamento dos cacateiros, Artigos de metais, Louça de esmalte, etc.—Pedidos a
J. S. MOUTEL A
Rua da Palma, 284-A — LISBOA

SORTE



—Sabes, a mulher do Pires está tão rouca que não pode cantar...
—Agora é que calha bem convidá-la para jantar...

O BOXEUR



— Não estás apaixonado, filho? Toda a gente sabe que o teu adversário bate, mas não tem sciencia nenhuma. Enganato que tu...
— Eu preferia que ele tivesse muita sciencia mas não batesse...

Li isto e pasmei!— grande Arquimedes, disse lhe então: o futuro é teu.

Publicidade

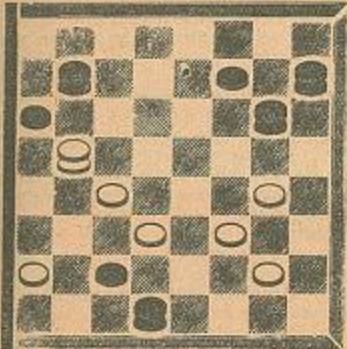


O sorriso dum príncipe



PROBLEMA N.º 120

Pretas 4 D e 3 p.



Branças 1 D e 6 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 119

	Branças	Pretas
1	15-19	25 ?
2	17-21	2-20
3	21-25	26-42
4	9-14	31-9 2
5	19-24	20-27
6	10-15	7-8
7	1-6	2 9
8	5-14-23-32	

Ganha

Resolveram o problema n.º 118 os srs. Alvaro dos Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bem-fiel), José Brandão (Infantas), Leopoldo Sacramento (Alavo), Mario Domingos Pereira, Victor dos Santos Fonseca, Artur Santos.

O problema hoje publicado, foi-nos enviado pelo sr. Nivalme, que o refere ao sr. José da Silva Lopes, ex-celso jogador de Damas da Figueira da Foz.

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do «Jogo de Damas» dirigida a secção do sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Barreira de sombra CAMPO PEQUENO

O nosso enfraquecido toureiro pedestre acaba de ser reforçado com a aderência da «pareja» de subido valor, os bandarilheiros Rafael Gonçalves e Francisco Gonçalves, dois novos, s. bejamente apreciados pelo publico e louvados na imprensa, os quais prometem um futuro brilhante se continuarem, como até aqui, a dedicarem-se com alma e algum estudo, de que ainda necessitam, á espinhosa profissão a que se destinam e ao prosseguimento do nome honroso que lhes legou seu pai, o estimado e antigo toureiro Teodoro Gonçalves.

Enquanto amadores, cumpriram valorosamente, e como profissionais tive am. no domingo uma estreia brilhante. As alternativas que ambos receberam das mãos de Teodoro Gonçalves e Jorge Cadele, respectivamente, conferidas a Rafael e Francisco, foram justas, e é assim que se compreende as alternativas.

A lide do primeiro touro de pé, segundo da comida, pelos novos toureiros, decorreu animada, tendo sido ambos muito felicitados no final do seu trabalho, bem como no sétimo touro, especializando o ultimo par de ferros de Francisco Gonçalves, distintamente colocado em «su sitio». São indubitavelmente duas esperanças; felicito-os.

Foi muito escassa a affluencia de publico a esta corrida, devido talvez ao tempo invariavel, e quanto ao resultado do torneio, apenas houve de notavel o animado trabalho dos cavaleiros José Casimiro e Elmino Teixeira, a «faetna» valente mas precipitada do «espada» Jozeito Martin e uma pega rija do cabo de torçoados Edmundo de Oliveira. Os touros de Francisco Vitorino, de irregular corpulencia e bem tratados, não primaram pela bravura, á excepção do segundo e sexto, que cumpriram.

ZEPEDRO

EDUARDO, príncipe de Gales, é o príncipe de mais saudável e claro sorriso. O sorriso do príncipe de Gales é a mais atraente publicidade internacional da Inglaterra moderna, demo rática, liberal, da Inglaterra em que o chefe do próprio partido conservador não é um «lord» emperligado de altiva «morgue», mas sim apenas Mr. Stanley Baldwin, da firma «Baldwin and Co. Ltd. . . .»

O príncipe de Gales não nasceu num dos faustosos castelos régios da Inglaterra, entre uma corte toda pragmática e solene; abriu os olhos, para a vida, numa simple casa de campo em Richmond Park, entre meia duzia de cortezãos amigos. Esta modestissima entrada na vida está em harmonia com os gostos de simplicidade e de despretenção do príncipe, que não hesita em dançar com uma costureira, e oferece cigarros aos soldados raios.

O fluido de simpatia que de si irradia o herdeiro da coroa britânica exerce um invejável poder de atracção em todos que com elle tem convivido ou falado, ou mesmo sobre os que apenas conhecem de vista o «charming prince»—o «príncipe encantador»—, querido da pequena burguezia inglesa, muito bem visto pela classe operária.

A Inglaterra—é um lugar comum diê lo—considera-se o mais desportivo país do mundo. Eduardo, príncipe de Gales, pode considerar-se um dos mais completos «sportsmen». Os seus

nas trincheiras, a perigosa vida dos «Tom-mies», expondo-se heroicamente, apesar das adversencias, tanto no «front» francês como na defesa do canal de Suez, a grande porta marítima cuja segurança era indispensavel á propria segurança do imperio britânico.

Na sua recente viagem a Espanha, o príncipe de Gales foi acompanhado pelo mais novo dos seus quatro irmãos, o príncipe Jorge. O seu terceiro irmão é o príncipe Henrique e a



Dois expressões do herdeiro da coroa inglesa



O sorriso do Príncipe de Gales

freqüentes triunfos desportivos não significam uma homenagem dos competidores á sua hierarquia principesca, e apenas traduzem fielmente o resultado do seu próprio esforço em aperfeiçoar-se o mais possível nos ramos de desporto que cultiva, e que são, sobre tudo, o hipismo, o «golf», o «polo», a caça.

Eduardo de Gales é um dos homens mais viajados do seu tempo: visitou, além de quasi toda a Europa, o Canadá, os Estados Unidos, a Austalia, a Nova Zelandia, a India e a America do Sul. O seu sorriso passeou por todo o mundo, e tem sido, por assim dizer, o embaixador espiritual da Inglaterra de tradições por demais prosaicas.

Recentemente, o príncipe de Gales esteve em Madrid e em Sevilha. Tê-lo-hia levado a Espanha, qualquer vago projecto matrimonial com uma das lindas infantas castelhanas? A hipotese é temeraria, sabendo-se que Eduardo tem, até agora, teimado em recusar todos os casamentos, parecendo resolvido a ficar solteiro, o que teria por consequencia passar a herdeiro do trono o príncipe Alberto, duque de York, que, com sua esposa, anda fazendo uma viagem á volta do mundo, com o fim de inaugurar a cidade de Canberra, nova capital federal da Australia, criada para pôr fim ás rivalidades entre Sydney, Melbourne e Adelaide.

O príncipe de Gales não goza a reputação de ser um homem grave e ponderado. De facto, o príncipe aproveita alegremente a sua mocidade e goza de se divertir, mas daí a ser um frívolo vai uma grande distancia. Durante a guerra revelou-se um homem corajoso e de intelligente acção, compartilhando,

sua unica irmã, é a princeza Mary, casada com o multimillionario visconde de Lascelles, e mãe de dois lindos pequenitos.

Formoso curioso: a visita do príncipe de Gales a Espanha coincidiu com a visita de Gustavo V, da Suecia. O descendente dum marechal de Napoleão—João Baptista Bernadotte, príncipe de Pontecorvo e depois rei da Suecia com o nome de Carlos XIV—encontrou-se com o descendente do soberano que abateu a Águia, com o descendente do maior açador do mundo . . .

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom photographa. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6-A, loja. Telefone 3029 Nrtore.

O VOLANTE—Revista

Sae hoje domingo apresentando-se em genero de revista o «jornal de automobilismo» «O Volante» que sahirá com 28 paginas, com boa colaboração tecnica e noticiosa e capas a cores. Deve agradar extraordinariamente esta modificação de jjournal para illustração, tanto mais que é o unico órgão de imprensa daquela especialidade.

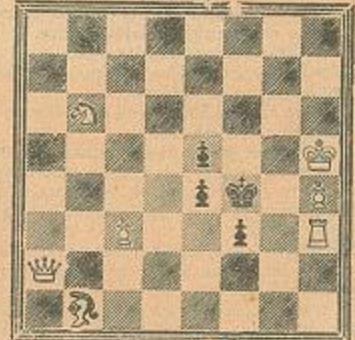
O seu preço avulso passa para 2\$50.

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 121—PROBLEMA

Per G. E. Carpenter

Pretas (4)



Branças (7)

Mate em dois lances.

Solução do problema n.º 120 (van Hölzhausen)

1 Cc4-a3 2 Rb3-c2 3 Cd4-e2
1 b4 x a3 2 Ra1-a2 3 Ra2-a1
4 Ce2-c1 5 Cc1-b3 x
4 a3-a2

Resolveram o problema n.º 119 os srs. Nunes Cordoço, Maximo Jordão e Rodrigo Machado.

ALIMENTO PARA PINTOS

Farinha de carne. Farinha sangue de boi. Sementes e plantas.

CASA DAUPIAS

PREVIDENCIA



—O' mamá, como é que a mamá conhece o papá?
—Salva-me heroicamente duma vez em que me ofogava...
—Será por isso que ella quer que eu não aprenda a nadar?...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

**ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**
cronica da semana

CICLISMO AMOROSO

UMA menina cujo noivo anda a realizar a volta a Portugal em bicicleta pergunta-me se deve ter confiança no seu amor, visto que o circuito lhe deu volta ao miolo e o ciclista mal tem tempo para lhe mandar do caminho uma palavra doce.

Alem disso, há um guarda republicano que lhe ronda a porta. Um guarda republicano com quinze anos de serviço.

A minha amavel leitora está, portanto, entre a espada e a bicicleta...

Confesso que tenho pouco geito para conselheiro dos amantes, porque em amor nem eu proprio me sei aconselhar. Vou para onde a bicicleta—quero dizer para onde o coração me leva.

Em todo o caso, não descubro que influencia pode ter a paixão do velocipede sobre o amor do coração.

Se o seu noivo lhe fez uma declaração em forma, antes de partir, destas que não deixam a sombra duma duvida no espirito duma mulher, porque não há-de ter confiança no esforçado ciclista, que a esta hora vai pedalando sobre a estrada de Mirandela e pensa, naturalmente, em si—em si que é o ponto natural de chegada escolhido pelo velocipede do seu coração!?

Como sabe, a declaração é o que custa mais. É o quilometro de arranque do amor. Depois, já a bicicleta ganha velocidade e vai por aí fora, orgulhosa e triunfante na carreira como um coração enamorado na estrada florida do amor.

E esteja certa de que o seu noivo, se não tiver nenhuma «panne» grave pelo caminho, ha-de chegar aí coberto de gloria e de poeira.

Até lhe hão-de saber melhor depois os beijos que lhe der.

Portanto, não tenha receio. A bicicleta não mata o amor. Quando muito, pode partir o nariz ao ciclista. Mas no amor o nariz não é objecto de primeira necessidade—e acredite que nesta altura vale mais um ciclista sem nariz, na mão, que dois guardas republicanos a voar...

NORBERTO LOPES

UMA FIGURA

Faleceu o Sr. Guilherme Pereira de Carvalho, pai dum grande amigo desta casa. O seu nome vulgar pouco dirá aos nossos leitores. Apresentemo-lo: Foi um homem que partiu para o Brazil, num barco de vela, com uma libra no bolso. Voltou rico. Porquê? Porque a sua vida foi um vivo exemplo de trabalho e de fé. Porque a sua integridade moral foi um baluarte que sempre o defendeu.

Aos seus legou uma fortuna e alguma coisa de maior—um nome honrado. Para ganhar dinheiro nunca precisou de ser injusto ou mesquinho. Que o diga a Sociedade e Beneficencia Brasileira.

Que o digam os muitos que protegem. Morreu um Homem. Paz á sua alma, conforto a.s. que o ficaram chorando.

OFERTA



—Quere comprar este cão?
—É bom guarda?
—Excelente. Ao mais pequeno barulho, bacia acordado para ele se pôr a ladrar com uma farta!...

Má Língua

VISÃO DANTESCA

»25 dias depois o Dantas ingressava numa quadrilha de mal ditores». (de A VOZ).

que o Dantas frz, no Século XVIII, tal como o d'hoje:—«noves fóra nada»)

Pois quê?! O retratista das «marquises» (são telhados de vidro..) e Evas fagueiras, var, num bando de párias infelizes, expulso entre gatunas sovaqueiras?!

Que visão horriosa! Pois não é? Bem sei que elle é negociador ousado e faria fortuna em S. Thomé, comprando, em grão, para o Café Chiado.

Bem sei que a estante da litteratura com t. l. jornada ficaria rica; mais uma rendilhada miniatura, —A Tanga de Brocado, em Tanganika—

Mas embora! Que dor para a Nação vê-o partir assim! E ouvir dizer que ao mergulhar nas trevas do porão á Micás perguntára:—«isto é descer?»

Reprguei no jornal. No olhar ceruleo tinha lamprjos de delirio histórico... Reli. O que partiu não foi o Julio, foi outro Dantas, que se chama Americo!

Tudo culpa do somno... Sciencia, ou Arte que muita coisa, muita coisa explica... Embora tenha pena de quem parte, louvo o Governo—e digo-o em toda a parte!—Mas... tóme lá cuidado com quem fica.

Trouxeram-me o jornal de manhãzinha quando inda os pózes do João Pestana toldavam de uma nevoa levesinha todas as scenas da comédia humana.

Dois pilares de prosa succulenta. »DEPORTADOS PARA A AFRICA« era o título.

Vagueando, a minha vista somnolenta deu na phrase que encima este capitulo.

Deitei fóra o jornal, arribatado, logo esperto qual veio de egua puro, brandindo no ar um punho revoltado contra esse abuso desta Dictadura.

Um homem tão bondoso, tão tranquillo, de um talento tão vasto e meritorio, que á força só de aperfeiçoar o estylo heje manda no estylo... Directorio!

Prendê-lo?! Que medida tão severa! Poxam demais a cordo, estes senhores. Pobres nocionalistas! Só uma féra usaria chamar-lhes malfetores.

Se calhar as alfurjas de Lisboa sacrificam-no ás iras radicões e o Registo Civil não lhe perdõa que servisse faisão a trez cartões.

Foi vingança do Amor?—[O suave introito de tanta puseção desordenada,

Parada de Gonta—Abril-1927.

NOTA—No numero passado, ppa eccu, em vez de *Mercurio* um *Mercurio* que tir ha os pés as azas de uma «gralha». Mato a gralha para ressuscitar a rima.—Taço

questão prévia

POR toda a parte onde uma haste de roseira viceja, abre-se o sorriso perfumado das rosas. Dos jardins sumptuosos aos quintalinhos humildes, das urnas de mármore dos parques aos caixotes de velas das varandas tristes da cidade, as rosas cumprem galhardamente o seu dever, desabrochando em cor e em perfume.

Vejo-as das minhas janelas, tenho-as na minha casa, em solitarios e transbordando de jarras bojudas, as lindas rosas deste meio florido. Os meus olhos não se cançam de lhes afagar o veludo das petalas, a minha alma nunca se crê suficientemente agradecida pela graça que elas derramam entre as qua ro paredes que me abrigam. O dinheiro que dou por elas é para mim tão bem dado como aquele com que pago o pão que como.

Não me quero reservar o exclusivo desta adoração pelas rosas. Flôr de beleza simples, a rosa encontra em cada alma um eco de admiração. Não tem as pretensões requintadas da orquidea, cuja beleza perversa não está ao alcance de todos os sentimentos. Encanta igualmente os espiritos complicados e os que se delectam com a simplicidade, e é sempre bela, quer esteja entre os cabelos duma mulher, nas mãos duma criança ou na sombra dum altar.

Era por este tempo, em que as rosas perfumam a vida, que aquella estranha «Madona do Campo Santo» tinha os seus festins. Subia-lhe á faces um rubôr fresco, os olhos aqueciam com um brilho novo, que não era de febre, mas de gula, e uma a uma, entre os seus dentinhos que riam, as rosas desfolhavam-se, mastigadas com voluptia. Carne de rosa; sangue de rosa, evola-se da vida como um perfume e sob a terra o pobre corpinho etico desfaz-se em rosas, que veem cá fora beber o sol, tomar alento e cor para tentar novas bocas famintas de petalas perfumadas.

Resumo de graça e de beleza, a rosa tem tentado a arte, a litteratura e as religiões. Em caramanchões cobrindo a sacra familia ou isolada e langue entre os dedos roseos do Deus-menino, a rosa aparece nos quadros da Renascença na intimidade divina. A poesia tem cantado quasi tanto a fragancia da rosa como a beleza da mulher e constantemente as confunde em homenagens reciprocas.

As religiões apressaram-se a tomar posse

ECOS
Os farmaceuticos reclamam

Não percebemos nada da questão, a não ser que há algumas dezenas de homens em risco de se encontrarem na miséria, porque, dum momento para o outro, foram julgados incapazes de exercer o mister que durante anos tem exercido. Parece-me que não está certo. Porque, de duas uma: ou não sabiam do officio e, nesse caso, já mataram muita gente, ou sabiam, e nesse caso estão muito bem no seu lugar. Entre nós, usam-se muito as resoluções radicais e o desprezo pelos interesses alheios.

Quem pode mandar, manda logo para a direita e para a esquerda, e para todos os lados. Ninguém tem a certeza de que amanhã não o mandarão embora do seu lugar ou da sua casa. Daí a intranquilidade continua; daí a nossa «apagada e vil tristeza»; daí o nosso desinteresse pelas grandes iniciativas de proveito colectivo: não nos chegam o tempo e os braços para nos agarrarmos bem ao nosso interesse, sempre pronto a fugir-nos...

Na Protectora dos Animais

O Chefe de Estado visitou, há dias, a sede da Sociedade Protectora dos Animais. Examinou atentamente o «museu da tortura», colecção de instrumentos destinados a torturar os animais.

O sr. General Carmona ficou tão impressionado com a brutalidade de algumas «feras», que prometeu a maior protecção dos poderes públicos em favor da Sociedade e indirectamente dos animais. Houve quem estranhasse tanto sentimentalismo por parte do primeiro magistrado dum país onde há milhares de mendigos e onde não há um hospital para crianças. É a eterna mania do comentário fora de propósito. O animal doméstico é o maior testemunho da ingratidão humana. É o ser fraco incapaz de pedir compaixão. Entender a súplica muda dum velho cavallo doente ou dum boi ferozmente aguilhoado é estar apto a compreender todos os interesses espirituais da Vida.

da rosa, atribuindo-lhe origens olimpicas e celestes. Ela é no paganismo a flôr que nasce da pegada de Venus ou a espuma que escorre do corpo da deusa, quando surge das ondas para reger no mundo a beleza e o amor. No cristianismo a rosa côra com o sangue vertido na cruz e entra nos milagres amáveis, como o da Rainha Santa, que transformou pão em rosas perfumadas e frescas.

Maio florido, doce e perfumada maré de rosas! Quem o pudera passar longe da cidade, gosando os crepusculos suaves num jardim povoado de roseiras floridas, sentindo subir na primeira frescura da noite o cheiro de terra regada e aroma das rosas... Eu, infelizmente, não posso e para que maio! seja o meu desgosto, depois desta evocação perfumada das rosas de Maio, sou obrigado a atravessar a rua, precisamente num sitio onde ha uma sargeta, que cheira pessimamente a desleixo municipal.

E' que na vida nem tudo são rosas e ha que contar com os espinhos e com as veerações.



QUEDA



—Aguá? e cá eu dum quarto andar! De que altura é preciso cair para me darem vinho?...

Curiosidades

A história duma idéa

UM PAPAGAIO VENERÁVEL

Em Londres há um papagaio chamado Peter, que deve ter mais de cento e trinta anos, pois que já era adulto quando foi capturado em 1801, no decurso dum combate entre as tropas inglesas e as do *rajah* de Satara, de quem ele era a *mascothe*. Passou de mão em mão, e foi enterrando vários donos. Em 1844 pertencia ao *Maharajah* de Kolhapour, que o ofereceu ao coronel Ferris, antigo governador de Aden, o qual o conduziu para Inglaterra. Em 1872 começou a dar indícios de velhice, caindo-lhe as penas. Hoje, só tem penas na cauda, que é vermelha. A cobrir o corpo, traz um saquinho confortável. Ao passo que vai avançando em velhice, vai sendo mais falador e comendo com melhor apetite todas as nozes, tamaras e bananas que lhe ofereçam.

VÊR SEM OLHOS

Uma senhora cega, Leila H. Hansum, publicou recentemente um livro de colaboração com o seu medico, o doutor René Maublanc. Nesse livro, que se chama «A visão parótica», Leila Hansum afirma que vê, e até lê, sem ser com os olhos. Vê com a pele. Esta obra vem pôr em maior evidência a extraordinária personalidade de Jules Romain, o dramaturgo francês autor da peça «*Knock, ou o Triunfo da Medicina*», já representada em Portugal. Há anos, Jules Romain publicara, sob o seu verdadeiro nome, o de Louis Farigoule, uma serie de estudos sobre experiências realizadas para dar vista aos cegos. A idéa original é a seguinte: que os olhos não monopolizam a vista; que o sentido da vista se estende a todo o corpo, sobre a pele, e que um cego educado, culto, poderá, dentro de certos limites e em determinadas condições, perceber as cores e até chegar a lêr com e epiderme de certos pontos do corpo, muito sensíveis.

Os estudos de Jules Romain foram publicados na «*Nouvelle Revue Française*», sob o título de «A Visão extrarretina».

O CONDE DE OBYRAS

Num dos últimos números do «*Dimanche Illustré*», semanário francês de grande popularidade, vem uma pequena biografia dum certo *Dom Sébastien Joseph de Carvalho Mello, conde de Obyras e Marquis de Pombal*.

Pelo retrato, parece que se trata do grande ministro do nosso rei D. José.

A. CRUZ L. DA

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos
químicos e especialidades
farmaceuticas nacionais e es-
trangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA
E UTENSILIOS PARA LABORATO-
RIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para
Farmacias e Hospitais

Importação directa

Os artigos que vem publicando no «*Século*» o eminente Prof. Dr. Azevedo Neves, sobre a necessidade de conceder certos direitos políticos á mulher portuguesa, tem, além de outros objectivos de maior alcance, o de chamar a atenção geral para um dos problemas mais actuaes. Não é este o lugar propício para se defender o direito feminino e a boa causa da emancipação social da mulher. Fazemos apenas um pouco de história da idéa feminista, idéa que tem mártires e paladinos fanáticos, como todas as grandes idéas.

As primeiras propagandistas da emancipação feminina excitaram apenas o riso e a zombaria. Só ha uns oitenta anos é que o feminismo começou, por assim dizer a «levantar cabeça», pelo menos na Europa. Em França, cinco mulheres, cujos nomes aparecem na vanguarda de todo o movimento feminista europeu, fundam, em 1848, um club e um jornal. Durante o segundo império, o entusiasmo esmoreceu. Mas o impulso estava dado, e mulheres como Juliette Adam (a grande escritora nonagenaria) e Clémence Royer, um dos maiores naturalistas mundiais, deram-lhe, pelo simples facto de existirem e de tão gloriosamente se afirmarem, uma nova auréola. A mulher começa a querer ser médica, advogada, magistrada. Julie Daubré traça, numa frase lapidar, todo o ideal feminista: «A mulher virá a ser, na sociedade, tudo o que fôr capaz e digna de ser».

Em 1866, a França dá, pela primeira vez, a uma mulher — a Lucie Bassetti — o título de bacharela.

Vinda da America, chega a Europa uma mulher, filha dum padeiro de Bristol, Mrs. Garret-Anderson, que incita as europeias a cursarem as universidades. Somente a Universidade de Edimburgo deixa algumas mulheres matricularem-se no curso de medicina; os estudantes, porém, temendo a concorrência, protestam tão tumultuosamente, que as ousadas raparigas abandonam os estudos, assustadas. Quatro refugiam-se em Paris, vindo a ser uma delas, depois de casada, uma das maiores propagandistas do feminismo: Jeanne Schmahl.

A primeira médica francesa foi Madeleine Brés, formada em 1875. Depois de longas contendas, as mulheres medicas conseguem ser admitidas aos concursos para internas dos hospitais.

Reconhecida como verdadeira a tradição da grande loquacidade atribuida á mulher, conhecendo se a resposta dum teólogo a quem lhe perguntava por que motivo Cristo, logo apoz a Ressurreição, appareceu a um grupo de mulheres («para que a noticia se espalhasse mais depressa»...) era uma anomalia não permitir ao sexo feminino o exercicio da oratória forense. Foi por não admitir este contrassenso, que Jeanne Chauvin requereu para frequentar uma faculdade de direito.

Depois, foram as alunas das Belas-Artes que quiseram poder frequentar os *ateliers*, ter premios e bolsas de estudo, exactamente como os homens. Quiseram e conseguiram.

As mulheres conseguiram, depois, o direito de ser, testemunhas em certos actos juridicos e de direito privado.

Vem, em seguida, a serie dos grandes congressos feministas. Vem a criação do *Internacional Council of Women*, de que é presidente a Condessa de Aberdeen, e tem ramificações por toda a Europa culta e na America, tendo sido fundado em 1888, em Washington. Segundo a propria letra da sua constituição, o Conselho é «uma confederação de trabalhadoras destinada a promover, na sociedade, nos costumes e nas leis, a applicação do divino preceito: «faze aos outros o que quizeres que te façam a ti».

A simples leitura dos programas dos vários congressos feministas, promovidos pelo Conselho Internacional das Mulheres — dos quais o primeiro se realizou em Chicago, em 1893, e o último em Paris, em 1926, mostram que essas reuniões não são apenas um pretexto para viagens e festas a preço reduzidos. Uma das maiores preocupações das mulheres feministas tem sido a protecção á criança. Isto prova que o sentimento da maternidade não está, de forma alguma, extinto nessas mulheres que pretendem ser mães, não tanto fisicamente como socialmente.

A guerra ao analfabetismo, a propaganda da paz universal, a protecção á criança e aos animais, são pontos essenciaes de todo o programa feminista. Quem procura ridicularizar e diminuir as intenções das executoras desse programa apenas se amesquinha a si próprio.

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telcgrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

MISS FRANÇA

«Miss França», a representante da beleza francesa no grande concurso de Galveston, foi eleita no dia 19 de Março, por um júri composto pelo jornalista Maurice de Waleffe (presidente), pelos pintores Abel Faivre, Van Dorgen, Georges Scott e Brisgand, pela escritora Lucie Delarue-Mardrus; pela cantora Olga Soutzo, pela modista Lenny, pelos «*metteurs-en-scène*» cinematográficos Marcel Lherbier e Jean Chantaigne, pelos fotógrafos Gaston Manuel e Sartoni, e ainda por outras personalidades. Houve mil candidatas, das quais foram seleccionadas duzentas, para o exame final. Depois duma revista, que durou três horas, o júri pôs de parte, para o ultimo combate, quarenta candidatas, todas lindissimas. Uma nova selecção, em que se atendeu sobretudo á harmonia geral das linhas e á plástica, reduziu ainda esse número a oito. Finalmente, das oito ficaram três, e das três ficou uma: M.^{lle} Roberte Cusey, de vinte anos, costureira duma grande modista dos Campos-Eliseos e parisiense de nascimento. Tem uma beleza estranha, uma beleza com a marca da originalidade. Miss França, como todas as *Misses* que o mundo inteiro vai enviar a Galveston, terá que se apresentar, no grande concurso, em fato de banho, em traje de *sport* e com um vestido de *soirée*.

NAS ENTRANHAS DA TERRA

Até agora, a maior profundidade a que se chegara, nas entranhas da Terra, era a de 2.360 metros, pertencendo esse *record* a um poço mineiro de Pittsburg. No condado de Orange, na Califórnia, essa profundidade acaba de ser ultrapassada. No decurso duns trabalhos de sondagem, as perfurações atingiram 2.440 metros. A tal profundidade, a temperatura é superior a 100 graus.

AS MÁQUINAS DE ESCREVER

Há trinta anos, pode dizer se que ainda não existia a máquina de escrever.

Pois há, espalhadas por todo o mundo, quarenta e nove milhões de máquinas, das quais quarenta e cinco milhões na América e quatro milhões na Europa. A estatística é aproximada e foi feita pela *Revue du Bureau*, que recorreu ás listas de importação e da exportação das alfândegas.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA
COSTURA, MOTORES ELECTRI-
COS DE FACIL APLICACÃO A
TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61
e em todas as filiais e agentes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

FOGÕES ECONOMICOS!!**350\$****ASSA
GRELHA
COSE
FERVE
E NÃO
SUJA****SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS**

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA BOA VISTA 35**Antiquidades**A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela,
37 (esquina da Rua Miguel Lupi).**"Deville"**o mais reputado dos MOTORES, o
único que não receia concorrência
por ser:o mais ECONOMICO
o mais SIMPLES
o mais RESISTENTE.
Inumeras referencias em Portugal.

Catalogos, preços e informes a

J. P. da Conceição & Ribas, L.^{da}121, Rua dos Bacalhóes, 1.^o LISBOA — T. C. 3389As lampadas electricas 'CERES' · 'AARAU' são as melhores
e mais intensas.**Correias**para TRANSMISSÃO e accessorios IN-
DUSTRIAIS.Porque é que as nossas correias são
preferidas?E' devido ás suas qualidades por
um preço vantajoso.**Acessorios para
Automoveis****Camions — Camionettes**

Não comprem sem consultar os preços e condições da casa

DARTOUT & C.^a L.^{da}

23 — PRAÇA DO MUNICIPIO — 24

LISBOA

O HOTEL MAIS

FREQUENTADO

DE LISBOA

SITUADO EM PLENA

"BAIXA"

Rua de Santa Justa

FUNDADO EM 1867

INSTALAÇÕES ELECTRICAS

E ASCENSOR



Telefones N. 3213 e 3214

PROPRIETARIA

**V.^o de João
Marciso
da Silva**

EXPLENDIDO "HALL"

SALÃO DE JANTAR

NO REZ DO CHÃO

Telegrams HOTFORT

LISBOA · BRISTOL CLUB · DANCING

Publicidade

Ventoinhas

F. A. S. E.—Milano

A MELHOR
A MAIS ECONOMICA

**Sociedade Sa-
maral Limitada**

RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.º

LISBOA

OS MELHORES

BIFES

A MELHOR

CERVEJA

O MELHOR SALÃO DE

BILHARES

O MELHOR BUFETE

SÓ NO

CAFÉ GELO

**Os insectos das
arvores**

Acta eficazmente que as arvores sofram os enormes
prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o
medicamento mais eficaz e mais seguro.

Cola «TANGLEFOOT»

A venda na DROGARIA CEZAL

De ALBANO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

Gramofones e Discos

PIANOS—MUSICA
INSTRUMENTOS E ACESSORIOS
OFICINA DE PIANOS
E AFINAÇÕES
CASA GUYEIRA MACHADO
RUA ALVES CORREIA, 152

Woodstock

SEMPRE A MELHOR

MAQUINA DE ESCREVER

CHEGOU NOVA REMESSA

PELO

VAPOR FANKDOLE

J. Gonçalves

Calçada do Carmo, 10

TELEFONE N. 4190



Gillettise
as suas barbas

Milhões de máquinas GILLETTE barbeiam
diariamente esta cidade. Com uma GILLETTE
rasara-se num momento e barba mais dura,
ficando a rasta muito mais em estado.

AGENCIA FOTOGRAFICA



RUA DA PRATA, 205-207

Aparelhos foto-
graficos,
chapas, peluculas,
papeis
e accessorios,
dos
melhores fabri-
cantes.

Especialidade
em
trabalhos para
amadores.

Reportagens em todos os generos e em qual-
quer po to do paiz. Pessoal habilitado em re-
portagem desportiva e actualidades.

SEDAS ■ VELUDOS ■ BIJUTARIAS

O maior sortido aos preços mais vantajosos encontra-se na

CASA DAS SEDAS

Telef: N. 3564

RUA AUREA, 266

LISBOA

PEÇAM AMOSTRAS

CONFRONTEM PREÇOS

TELEFONE C. 641



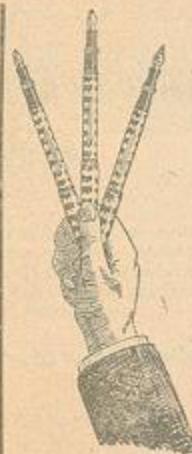
Casa Palissy Galvani
GUILHERME F. SIMOES, L. DA

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas,
telephones e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

13 RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA



Canelas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

167, RUA DO OURO, 173

LISBOA

AUTOMOVEIS

Torpedo 5 lugares
Dollares 1.000 sem mais
despesas



CAMIONETES

6 cilindros, 4 velocidades
Diferencial duplo
A melhor para o nosso paiz

Agentes gerais no Sul: **J. J. Gonçalves, Suc.ªs**
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90 LISBOA

COOPERATIVA

DOS

ESTOFADORES E DECORADORES

Prezi iada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO
COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS
ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39



**STORES
GELOSIAS**

Os mais perfeitos e mais baratos.

Unicos que resistem ao sol e á chuva.

Encomendas rapidas na

RUA MARIA ANDRADE, 11

LISBOA

Casa Africana

SÉDE: — Rua Augusta, n.º 161 — LISBOA

SUCURSAL: — Rua 31 de Janeiro, n.º 220 — PORTO

ESTIAÇÃO DE VERÃO

BELOS VESTIDOS — SOBERBOS MANTEAUX — LINDOS CHAPEUS
PARA SENHORAS E MENINAS

Tudo adquirido em Paris e Londres, nas casas de maior nomeada.

Alfaiataria e Camisaria para homem — Rouparia branca de senhora e fatinhos
de criança—Sedas—Lãs—Retrozaria—Algodões—Malhas—Perfumaria.

Em todas estas secções, com enorme sortido impossível de enumerar, terá a
nossa numerosa e Ex.ª clientela ocasião de apreciar as maiores novidades de
fino gosto adquiridas nos grandes centros da moda.

PREÇOS RESUMIDOS

FREIRE DA CRUZ & C.ª

O DOMINGO ILUSTRADO encontra-se á venda em todas as tabacarias,
quiosques, teatros e em todas as terras do paiz.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Foi ha dois verões, se bem me lembro, que uma tarde de calma nos atirou — a mim e a mais dois companheiros — para dentro do Martinho da Neve ali no Terreiro do Paço. Tinhamos ido, como provincanos curiosos, espreitar o Tejo do velho Cais da Pedra. O sol estava erdentissimo. Deliberamos ir enfrascar-nos em cerveja. Foi o Domingos quem teve a ideia, êle que em geral não costumava ter ideia nenhuma. O terceiro companheiro era um moço jornalista que andava então aprendendo o que hoje sabe e de que não tem tirado proveito. Sentamo-nos á roda de uma daquelas mesas «Imperio» mesmo muito «imperio», pesadonas e fortes, e começamos bebendo. A's duas por trea veio a anedota, depois a «blague» e em seguida o capítulo das aventuras. Quando o jornalista acabou de referir o caso amoroso, que o trouxera para Lisboa, Domingos que se guira interessado a narração nos mais pitorêscos lances, exclamou, acabando com a segnda garrafa:

— Pois a mim ainda me sucedeu melhor.

— Pois tu tambem tens aventuras? disse o jornalista.

— Vais ouvir, retorquiu êle placidamente.

E contou, então, esta curiosissima história:

Aqui ha três anos, estava eu ligado com uma rapariga que vocês talvez conhecessem — a Teresa Monis, lembrem-se? — quando travei relações com uma amiga dela. O nome não faz ao caso. Está hoje easada e séria, coisa que sucede a muita gente que o não é. Quem m'a apresentou foi mesmo a Tereza. Eram amigas ou pelo menos davam-se muito, visitas frequentes, passeios, idas ao teatro, etc., etc. E' escusado pormenorizar mais.

A minha rapariga era uma boa alma, um pouco frívola, um pouco destrambelhada, mas ótima creatura. A outra era galantissima, alta olhos negros, talhe esbelto e com a intelligencia sufficiente para ter logo percebido que me agradava bastante. Começamos a privar. Telefonava-me frequentemente, com os mais futeis pretextos, e, como nos encontrassemos em vários centros de reunião, tinhamos largas conversas e larguissimos silêncios. Vocês sabem o que é isto, quando um homem e uma mulher a meio da conversa se calam um diante do outro. E' o Diabo! A endemoninhada tinha-a fígada, como vocês depois verão.

Ao principio nada houve de anormal, mas passados os primeiros dias de flirt a Evangelina — lá me escapou o nome! — começou a mordiscar na reputação da amiga: — que ela fôra vista com Fulano, que Cicrano tinha dito isto, que se dizia aquilo, e outras insidiazinhas galantemente femininas. A pouco e pouco a maledicencia ia crescendo de intensidade, sempre esparrinhada sobre mim pela sua boca, fresca e preciosa, com o ar penalizado de que eu não merecia tais ingratições; e tão bem feito foi o trabalhinho,

entremeadado com olhares de vago interesse e assiduidades gentis, que eu caí no laço. Ainda não tinham decorrido três semanas já eu cortara com a Tereza, agradecendo, com a ingenuidade própria de tais conjunturas pecaminosas, a intervenção bondosa daquela excelente amiga. Sempre os mesmos asnos!

A Evangelina mudou então um pouco. Tornou-se menos acessível a galanteios, mais esquivada e escassamente sorridente. Escusado será dizer que o interesse duplicou. Ha dois mil anos antes de Cristo já assim era. Eu andava positivamente embruxado. O diabo é que não sabia como havia de principiá-lo. Isto de fazer uma declaração assustava-me e se ela me corresse! A ideia de que a Tereza viesse a saber, arreliviava-me. Levei tres noites a pensar no caso. A terceira noite tive uma ideia. O «truc» pareceu-me infalível; não arriscava o meu amor-proprio a um «não» redondo, nem a minha estima pela outra a uma queixinha desprimorosa para a minha reputação de leal cavalheiro. Era uma riquissima ideia!

— Vocês estão danados para conhecer o «truc»; exclamou para nós o Domingos. E mandou vir terceira cerveja.

— Ora o caso foi assim — continuou. Agarrei n'uma folha de papel de cartas e escrevi pouco mais ou menos... Não sei já bem os termos, mas o pensamento era este:

«Minha senhora. «Quem esta carta lhe escreve é uma das pes-

A historia daquele anel

Uma original pagina dum nosso colaborador que muito escreveu em antigos jornais portugueses sob o pseudonimo de Vicente Lisboa.

«soas que habitualmente priva consigo. Tem por si um grande interesse e uma simpatia vivissima. Dessejaria transformar as suas relações de cortezia noutras de maior intimidade, mas não se sujeita, talvez por orgulho, talvez por timidez, a uma negativa formal. Lembrou-se pois de um insignificante estratagem. Você, «usa no dedo anelar da mão esquerda uma Memória. Esse pequenino aro de ouro com uma perola, pode resolver absolutamente o meu embaraço. «Sabe como? Da seguinte maneira: «Quando estiver conversando com alguém que a interesse, (porque evidentemente ha de haver entre todos os que consigo privam, um que lhe «mereça um agrado decidido) tire esse anel da mão esquerda e passe-o para o anelar da direita. Este ligeiro movimento resolverá tudo, e eu ficarei em seguida sabendo se a interesse ou não.»

No final puz uma rabisca qualquer e disfarcei a letra como convinha.

Foi esta a única carta anónima que escrevi na minha vida, e não podia ser mais inocente.

Deixei passar uns dias para que a minha aparição em seguida á carta não suscitasse desconfianças. Sabe Deus a curiosidade que me devorava, mas contive-me. Sete ou oito dias depois, com o ar mais despreocupado que pude arranjar, compareci diante dela. Logo por sorte encontrei-a sosinha. Todo eu tremia cá por dentro. Sentamo-nos num coxim que ela tinha na saia e com que eu embirrava sole-

nemente porque era farrado de crina e a gente escorregava nêle como numa prancha de glissagem, e começamos a conversar. Ainda não tinham passado três minutos gastos em banalidades de saude e tempo, quando — ah! pai do ceu!! — a vejo mudar o anel para a mão direita! Arrefeci e aqueci sucessivamente; entrou a secar-se-me a garganta e estive em riscos de me denunciar logo. Enfim lá consegui disfarçar com umas considerações sobre as primaveras lisboetas que são traçoceiras e agrestes, mas chegou a um momento em que não pude mais. A Evangelina pareceu-me encantadora! Os olhos dir-se-iam liquifazer-se, de brilhantes que estavam. Respirei fundo, olhei-a com intenção e disse finalmente, atropelando as palavras:

— Agora já não ha razão para ocultar que fui eu o autor da carta. Estou — e ia a acrescentar, radiante! — quando ela batendo as mãos e rindo, exclamou estrepitosamente:

— Até que enfim! Foi você, foi você! E eu que ando ha oito dias a mudar o anel diante de todos os rapazes para saber quem tinha sido.

—!!!!
Não me enterrei pelo chão abaixo porque o sobrado não deixou.

— Foste comido, disse o moço jornalista.

— Fui, mas vinguei-me! Daí a uma semana era amante dela.

— Como o seria qualquer dos outros.

— Com uma diferença; é que a enganei logo no segundo dia, que era a única forma de não ser primeiro enganado por ela.

— E qual a moral da história? inquiri eu.

— A moral, retorquiu Domingos, é que as mulheres mesmo as mais estúpidas têm uma faculdade de percepção inadaptável aos cérebros masculinos, salvo ao dos galegos. São elas e estes os únicos seres humanos capazes de acumular a estupidez com a intelligencia, sem embaraço da essencia vital e sem prejuizo da lógica.

Levantamo-nos e pagamos, por sinal — lembro-me muito bem — de que pagamos sete cervejas e só tinhamos bebido seis. Não admira. O creado era galego e, embora fossemos três a contar e um só a receber, estavam em manifesta inferioridade mental.

VICENTE LISBOA

NA AMERICA



Até que enfim!... Foi você, foi você!...



— Sabes quem é?
— É a filha do rei do chumbo que se vai casar com o rei do estanho...
— Isso não é um casamento, é uma liga metálica...

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

**A noite tragica
de Raquel Meller**

A famosa cançonetista, que todo o mundo conhece, viveu a tragedia duma noite no «vadruille» de Paris. Agora que o seu nome está em foco, visto que ela vem a Lisboa a ainda este mês, tem actualidade maxima a novela sensacional desta pagina.

RAQUEL—a mulher dos olhos fatais, finos como punhais de Bagdad, curvos como adagas orientais—teve uma noite de tragedia na sua vida.

E' preciso ter vivido ainda que por instantes a confusa e violenta vida dos grandes «boulevards» de Paris, a alegria dos «dancings» e dos restaurantes de noite, para sentir em todo o pitoresco colorido os pormenores desta pagina.

Quem passou uma noite no «Fantasio» ou estalou champagne no «Cocq'dor» ou no «Chat Blanc» poderá talvez aperceber-se do que ha de mysterio, de grande vida, de vicio palpitante, de orgia dourada, numa dessas noites de «vadruille» parisiense, onde o «tout Paris»—desde os americanos bebedores até aos estudantes, aos artistas e ás «midinettes»—representa a comedia tragica da vida alegre.

Raquel—estrela do «Casino» e das «Folies Bergères»—do «Palace» e do «Ba-ta-klan»—teve, pois, uma noite de tragico «vadruille». Foi a tragedia da «Comedie Camartin». E' lê-la na velha e esquecida pagina do «Excelsior»...

Quando Raquel, pela mão do grande jornalista espanhol que foi seu marido, fez a sua apresentação em Paris—o estrodo jornalístico foi enorme.

Ergueram-se em sua honra colunas inteiras dos grandes jornais. Os seus olhos tragicos passaram em todas as revistas mundiais. Houve, do publico e da critica, o delirio dos entusiasmos. Paris inteiro aplaudiu—e o mundo olhou para a nova estrela.

A' saída dos espectaculos, curiosos e estudantes cercavam, nas trazeiras do casino, o seu automovel. Outros iam esperá-la ao seu hotel da Rua Pigalle, com uma devoção de colegiais e um respeito de subditos.

Recebia todas as noites flores, diamantes, e tambem cartas anonimas. Os olhos de fogo dessa espanhola de lenda fizeram estremecer millonarios. E em alguns corações pobres, Raquel teve erguido, por muitas noites de insonia, o seu altar de amor...

Jean Marius Martin era um electricista do «Folies Bergères». Todas as noites, depois da ultima sessão, os rapazes que trabalhavam no palco da velha boceta dourada de Paris reuniam-se num pequeno bar, nas trazeiras do «Caumartin», bar soturno e pintado de azul com as suas cadeiras «rolin» á porta, e onde se lia em grossas letras dum esmalte branco o titulo, suggestivo e «boulevardier» de «A la poule vivante».

Os carpinteiros, os aderecistas, os moços de palco, os electricistas, rodeavam as pequenas mezas e, entre elles, Jean Marius pontificava sempre.

Era um rapaz claro, olhos glaucos, o queixo recurvo dos franceses, uma madeixa arruivada a emoldurar-lhe a testa larga.

Os chistes, os «mots d'esprit» fuzilavam, no baixo «argot» das «colisettes» «boulevardières».

Mas, nessa noite, Jean Marius não falava. Serviram-lhe o salame da ração

do seu «souper» e não lhe tocou. Umas largas olheiras violetas sobressaíam na sua pele clara. O corpo parecia um pouco caído na ganga negra do seu fato de trabalho, onde um «cachecol», vivo, vermelho e amarelo, punha uma chama de côr.

Em torno comentava-se. Fôra a «Estrela», Raquel Meller, que, depois da «matinée», o repreendera violentamente por ter errado, numa das celebres canções, todos os efeitos de luz.

A espanhola, ardente e nervosa, chegara a insulta-lo mesmo.

Ele não respondera, humilde, vexado, reduzido o seu corpo herculeo a um farrapo cobarde diante do corpo fino de Raquel. Mas ficara torturado. Debalde os companheiros o dissuadiram de apreensões. Em vão lhe disseram que devia ter respondido no mesmo tom agressivo do insulto. Jean Marius parecia não os ouvir. Em torno da sua meza, um mais velho que conhecera o pai, disse baixo:

—Son père était un fou. Il a tué sa mère...

Mas os pares erguiam-se já para a «chalupée».

Algumas duvidosas «entoleuses», sensualmente, abraçaram os homens ao primeiro compasso da dança e estalaram aqui e ali garrafas de baixo champagne, entre calices de gin e de whisky.

Uma aureola de fumo circundava as lampadas, e fóra, previdentes, os «garçons» corriam os «stores» das vidraças...

Os taxis paravam á porta e logo uma onda, brilhante, rugindo o verniz dos sapatos caros e arrastando pelas raras, entrou, entre a scintilação dos brilhantes e o brilho dos peitinhos das casacas.

A' frente vinha uma mulher flexuosa, palida, de longas olheiras azues, os labios como duas petalas de cravos da Andaluzia sobre uma placa de marmore. Envolvía-a uma «fourrure» branca de arminho, sobre o vestido de brocado de prata. No peito uma rosa enorme, verde, estilizada sobre o seio esquerdo...

Era Raquel Meller!

Fez-se um silencio em volta. As mulheres do povo mordiam uma flôr entre os labios invejosos. Os homens cravavam o olhar sobre os corpos deslumbrantes de pedraria que entravam a iluminar o ambiente.

A musica—um trio onde sobressaía um palico violinista de madeixas tristes—continuou a gemer em surdina a «chalupée»... Então, um dos do grupo de Raquel—um argentino vigoroso que usava patilhas e tinha uma orelha cortada—propoz que se dançasse.

As mulheres sentaram-se.

Raquel ficou de pé, sob um lampeão electrico, violenta, fatal, com um cigarro nos labios. Na meza em frente estava Marius, emborcado entre calices de gin e de absinto. Com ele, sentada, uma flor de Paris, esbelta, palida, nervosa.

O argentino procurou em redor. As

mulheres estavam todas ocupadas. Reparou então na meza de Marius e viu a rapariga. Pegou-lhe num pulso, e, envolvendo-a, ergueu-a para a dança. Marius encarou-a. Mas o homem, arrastava-a já, ao ritmo doloroso da valsa apache. Houve um movimento de odio entre os olhares dos dois homens. Por fim Marius sorriu.

Era um riso tragico, alvar, onde os seus olhos glaucos punham o brilho frio de duas esmeraldas.

A valsa seguia. Raquel reconhecera-o agora, e um tremer percorria-lhe o corpo todo. Começou a envolver-se nas peles para sair, com os companheiros...

Marius deu um salto sobre o «parquet», polido e encerado, entre as mezas. Estava junto de Raquel. Houve um grito. Raquel sacara um pequeno revolver de prata da sua malinha. Mas o rapaz apertava-lhe a mão e a microscopica arma tombara sobre a meza. Então, empunhando-a, ordenou á musica que continuasse, e envolvendo a «chanteuse», dançou.

Foi uma dança terrivel, como certos quadros violentos de filme antigo. Havia em roda uma expectativa de morte.

O rapaz, envolvia a toda, e, com a arma sempre empunhada, evitava que se aproximassem. Sob o terror da sua ameaça os musicos gemiam os compassos da valsa, e Raquel, tragicamente palida, dançava, dançava sempre,—dançarina vitima do seu proprio e imprevisito locanaam...

Em volta, assustados, os freguezes voltaram a comentar:

—Il est un fou! Il est un fou!...

—Il va la tué!

Dançando, dançando sempre, o rapaz falava-lhe baixo. Sentia-se que á pestilencia do seu halito de absinto a entontecia.

Sim, enganei-me, errei todo o trabalho—vou ser expulso talvez—que queres? Desde que te vi fiquei assim,—espanhola da minha perdição!

Como queres que me não perca quando vejo o teu corpo! O que querias? Matar-me com este revolver? Mas o que fizeste já tu, Raquel, senão matar-me—e loucamente, enebria-a, enebria-a sempre, na «chalupée» tragica. A ansiedade era mortal.

Por fim a musica estacou. Ouve um estalido sêco, logo abafado, um grito rouco, e a queda pesada dum corpo, caindo redondo, sobre si mesmo, no meio da casa.

Marius metera uma bala no ouvido. Raquel tombara desmaiada sobre os seus amigos.

Rapidamente, levaram a formosa «estrela» ao automovel.

No dia seguinte o empregazario pedialhe desculpa.

—Était un fou!—explicara ainda.

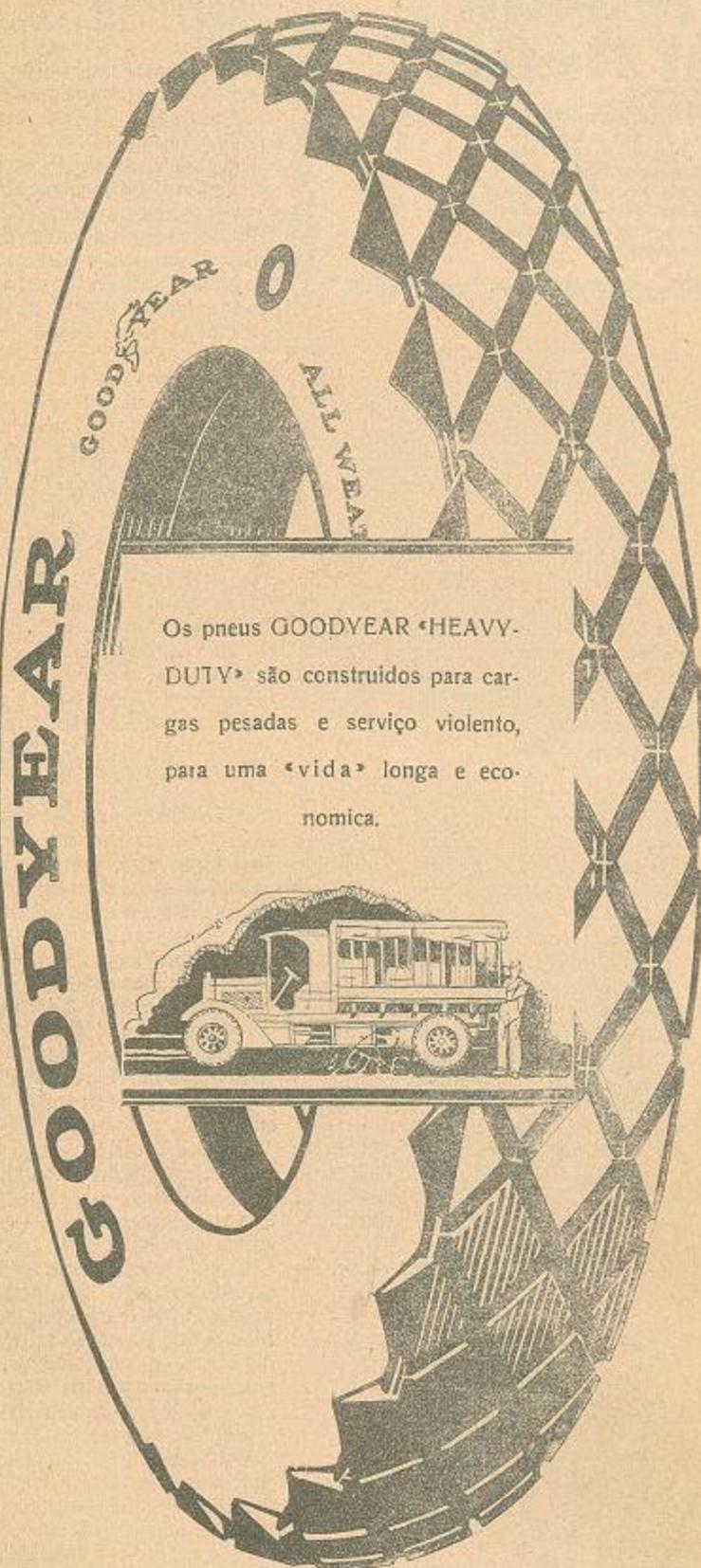
—Oui, un fou... mais il m'aimait—disse Raquel, que nessa manhã não precisara pintar as suas olheiras roxas...



Havia em roda uma expectativa de morte.

O REPORTER MISTERIO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Os pneus GOODYEAR «HEAVY-DUTY» são construídos para cargas pesadas e serviço violento, para uma «vida» longa e económica.

PARA A PROXIMA VEZ COMPRE PNEUS PARA CAMIONS

GOODYEAR
LORRY TYRES

O grande Club e os literatos

no bristol

A MARIO RIBEIRO

Oh meu «papillon» dos longos olhos pretos,
que pinta os olhos com tinta da China.
Sabes que os teus olhos são como amuletos
feitos de ametista laminada e fina.

Quando ontem á noite no Bristol dançaste
oh louco papillon*, black botton em flor
tu deste ao teu corpo movimentos de haste
e deixaste a gente a palpar d'amor!

Não dances mais! Não! Oh «papillon», assim!
Que fazes mal, sim! Oh muito mal talvez!
E na tua boca louca de carmim
Ah! Deixa-me ao menos pousar uma vez!

VOZ DO MONDEGO

Este ano
haverá
na
Curia
**Grandes Festas
de Verão**
e verão...
o que
é!!



Não queira ficar
assim

Use a VITELINA VITERI, torne os
seus cabelos fortes, abundantes, lim-
pos e sedosos. — Frasco 8\$00.

Deposito: VICENTE RIBEIRO & C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º

*Diz um rapaz chic,
dum certo tu,
que ama os «papillons»!
— Vais ao Bristol-Club?
— Vou, porque «sabe»,
Dá um certo tom!*

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

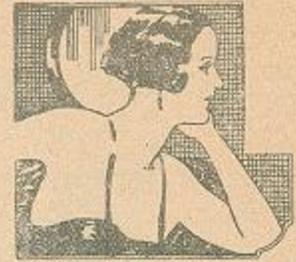


Casa Tenim, Lda
181 Rua Augusta, Lisboa
TELEF. 251

**Compras directas nos principais centros
fabris da Europa**

O MAIS LINDO E VARIADO SORTIDO
DAS
ULTIMAS NOVIDADES
DE
PARIS, LONDRES, BERLIM, SUISSA
E LION

**PREÇOS DE VERDADEIRA
SENSAÇÃO**



Todas as Senhoras

Sabem que perdem a sua gentileza quando uma quantidade de cabelos superfluos chama a atencao dos olhares, sujeitando-se a crueis desagradaveis. Mas como livrar-se d'esses cabelos e, ainda, o problema complexo para muitas! As navalhas estimulam o crescimento do cabelo, o qual não só cresce mais depressa, mas até o tornam mais espesso, cada vez que o barbeiam. Por outro lado, os depilatorios geralmente usados são desagradaveis, como todas as senhoras que os têm usado sabem de saber.

Milhares de senhoras resolveram com satisfacao este problema da sua vida intima, usando o VEET. Este creme aveludado e perfumado destroe o cabelo como por encanto. Enquanto as navalhas e os depilatorios comuns, simplesmente tiram superficialmente os cabelos, VEET dissolve-os por baixo da pele.

E' simplesmente necessario aplicar um pouco de VEET, exactamente como se sae do tubo, esperar poucos minutos, lavar e o cabelo desaparece.

Garante-se o resultado satisfatorio deste producto, devolvendo-se a sua importancia no caso de não se obterem os resultados desejados.

VEET pode-se obter nas drograrias, perfumarias e farmacias.

PREÇO 12\$00 CADA TUBO, pelo correio 13\$00. Unicos representantes em Portugal J. W. CHASTER, LTD., Rua da Conceicao, 35, 2º - Lisboa.

VEET

PERFUMARIA ELITE

A casa que maior numero de especialidades vende a peso

SECÇÃO DE CABELEIREIRO
PARA SENHORAS

Deposito do *Pó d'arroz Gabriela*
LARGO DO CALHARIZ, 18—TELEF. 148 T.

PERFUMARIA FLOR DE LIZ
LIMITADA
83, R. NOVA DO ALMADA, 83—LISBOA
TELEF. C. 3895
O maior e mais variado sortido aos melhores preços. Manucre (execução perfeita).

Bento, Silveira, Pinto, L. da
Moblias, cofres, planos, ourivesaria, estanho, folha, sucatos, etc.
ESTABELECIMENTOS E ARMAZEM
126, 128, Rua Alves Corroia, 141, 147
LISBOA TELEFONE 3256-N
SECÇÃO DE OURIVESARIA N.º 141

CASE O MELHOR, MAIS SOLIDO E ECONOMICO
TRACTOR DE RODAS



Ad Electro P. D. 218—Also furnished in 3 columns

As mais altas recompensas em todos os concursos em que tem entrado. CHARRUAS GRAND-DETOUR, 2, 3, 4 e 5 ferros ou discos para todas as applicoes. Estes tractores podem adicionar debulhadoras respectivamente de 1m,07—1m,22—1m,37. TRACTORES E CHARRUAS PARA ENTREGA IMEDIATA. Em exposicao modelos 12x20 e 18x32 HP, com as correspondentes charruas. Representante para Portugal:

DUARTE FERREIRA & FILHOS
(Engenheiros) TRAMAGAL

Filial em Lisboa: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 17 a 25

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

URNAS,
ARMAÇOES,
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

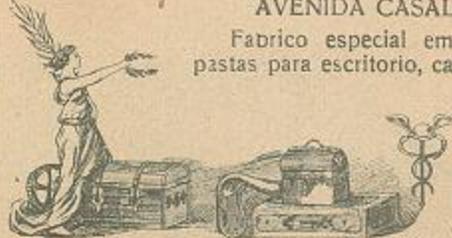
SERVICÓ PERMANENTE
131, R. DOS ANJOS, 133
RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E
LISBOA

FABRICA DE MALAS, CARTEIRAS
E ARTIGOS DE VIAGEM
DE
JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 43 a 47—LISBOA

Fabrico especial em malas, carteiras, bolsas de senhora, pastas para escritorio, casas bancarias, companhias e de mais artigos que digam respeito á mesma industria. Concertos gerais em todos os artigos.

Sempre novidades, execucao rapida, solida e perfeita



TELEFONE 5347 NORTE

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

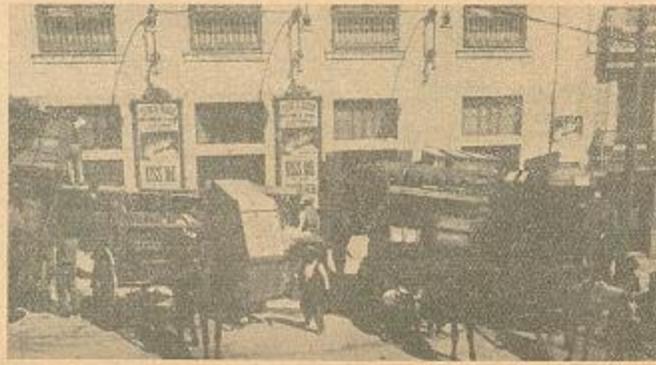
actualidades graficas

OS MORTOS



O abastado capitalista sr. Guilherme Pereira de Carvalho, recentemente falecido, pai do nosso querido amigo Guilherme Pereira de Carvalho J.^o, e cuja vida foi um belo exemplo de austeridade, trabalho e fé.

OS GRANDES EMPREENDIMENTOS TEATRAIS



A descarga da numerosa bagagem da Companhia Esperanza Iris, á porta do Trindade.

SPORTMAN... DUM SO PEDAL



Augusto dos Santos, «o coxo dos pneus», que corre por fóra a 1 volta de Portugal, numa soberba maquina Peugeot.

UMA CORPORAÇÃO DE ELITE

Os officiaes que actualmente compoem a Policia de Lisboa são recrutados dentre os melhores elementos do Exercito, distinguindo se pelas suas qualidades de seriedade, competencia e brio.

A partir de cima: o comandante Ferreira do Amaral. Da esquerda para a direita: Capitães João Carlos Teles de Azevedo Franco 2.^o comandante, Fran-



A POLICIA DE LISBOA

cisco José Cardoso Cabral de Quadros com. 2.^a divisão, Eduardo Brito Galhardo commissario 1.^a divisão, Maria Jardim da Costa com. 4.^a divisão, Agostinho Lourenço Conceição Pereira. Tenentes: Ernesto Catela do Vale Ferreira, José Victorino de Magalhães adj., José do Passos adj. 2.^a divisão, Artur Rodrigues de Matos tesoureiro do conselho adm., Francisco Hobeche Fino.



LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING.

O DOMINGO
ilustrado



TEATROS

CARTAS DUM COMEDIANTE

O som dos adjetivos

Quem faça vida de jornal e tenha a seu cargo uma secção de Teatro, vê-se em serias dificuldades para noticiar os acontecimentos dos bastidores. Não falemos já das notícias que não podem vir a público para se não ferir os interesses do actor X, para se não melindrar o empresario Z, favores que, de resto, eles não agradecem, embora sejam os primeiros a reclamar sempre que as novas lhes desagradam.

Não é só, portanto, a falta de novidades «publicáveis» que afflige o noticiário. E' também o intrincado labirinto dos adjectivos, á sombra dos quais o artista sonha...

...Excepções honrosas, certo que as ha. Mas na generalidade, o artista acostuma-se a ver nos jornaes o seu nome com um «adjectivozinho»... Fica tão bem!.. Quantos não aquilatham dos seus progressos pelo rutilar, cada vez mais brilhante, do adjectivo que lhe precede o nome!

Artista a quem um critico ou cronista chama «ilustre» uma vez fica indignado se, por qualquer descuido, passa a ser «distinto».

O «correcto» actor Cirano cu a «talentosa» atriz Beltrana... são insultos.

Estrela cujo nome não vá acompanhado da classica designação de «fulgurante divette» ou «insigne» ou «notavel», e daí para cima é capaz de rescindir o contrato com a empresa.

«Gentil», «graciosa», «elegante» são palavras depreciativas.

Há dias tepámos num jornal do norte com a «schreumann» interpretação de Fulano. Trata-se, é claro, de uma interpretação reavel, mas por sinal humilhantissima, e si está o maior merito do actor que a realisa.

Ora esta mania dos adjectivos existe esparsa em Portugal, em Espanha e no Brazil.

Na França, na Inglaterra, na Italia, Zacconi, é Zacconi, Féraudy é Féraudy e Sybil Thorneike é Sybil Thorneike... sem mais nada. E não precisam. A's vezes, a furia dos adjectivos dá em disparate... Fiz parte de uma companhia cu a um belo dia arunciava a «Magda» do «distinto» escritor Sudeimann...

E conta-me um amigo, que tem a memoria bem fresca, apesar da idade, que um jornal da provincia, quando foi da morte de Victor Hugo, noticiou desta maneira o acontecimento:

«Por telegrama da Havas sabe-se que morreu em Paris o sr. Victor Hugo, distinto escritor. Pezemos á sua familia.»

CARLOS ABREU

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematographia portuguesa e um dos industrialistas mais categorizados. Filmes de primeira escola. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O paé dos cinemas lisboetas. Outros filmes, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Altissima e elegante sala.

Nacional S. Luiz

A primeira scena dramatica portuguesa, á frente da qual está Alves da Cunha — o grande actor, o primeiro da sua geração. Adella Abranches, a comedianta cujo nome dispensa elogios, o Berta de Bivar, artista, entusiasta e modesta, e o companheiro-moço, Sacramento e Aranjó Pereira, mestre eusarista. O mais forte repertorio euzero. Actualmente «O Gato e a Sombra».



A arte e o teatro

A arte e o teatro não são incompatíveis. Ha quem pretenda dividi-los, julgando assim atrair e conquistar o publico. Embora muito bom empresario cultive essa ideia, arreja da boa moral e do bom gosto, a verdade é que não ha teatro sem arte, por mais popular, por mais trivial, por mais efemero que ele seja. O publico é uma massa variavel, que exige vibrações incessantes de beleza.

Nada se gasta tão facilmente como uma plateia. Um *truc*, um efeito, pode suggestiona-la uma vez; a segunda cansa-a e irrita-a. O espectáculo preparado com os classicos pratos de resistencia: pornografia, sentimento, religiosismo, há muito que o enfastiam e empanzurram.

O publico precisa de arte — arte pura e bela, que, para o ser, necessita naturalmente de se tornar acessivel, pratica e logica. Mesmo que ela passe além do raciocinio comum, é incontestavel a sua fascinação, o seu poderio, o seu misterio feito de encanto, de graça espirital, de emoção sincera.

E' preciso dar ao teatro um objectivo mais alto do que a bilheteira. Nem tudo é negocio. E quando é — não estamos muito longe dos insucessos e dos descabros. Mais duma vez, empresarios que se sorriem desdenhosamente dos idealistas de teatro têm reconhecido que os seus espectaculos improvisados em moldes facéis, já vistos, cam pela base, repellidos pelo publico. Porquê? Porque ele deseja uma visão superior á sua; um pensamento que o domine; uma ideia que não se dirija aos seus sentidos, mas sim á sua vida interior, que precisa emminhar e não regressar...

Ora o nosso teatro — tem regressado. Ao pior de tudo? A afirmação será ousada, mas tem uma parcela de verdade. Hoje, por exemplo, já não é possivel apresentar uma recita, como antigamente. E' preciso refundir de alto a baixo os scenarios caricaturais; dozer cu ateruar o fado, para não insistir na mancha funebre e lamecha; desterrar figuras e ideias já cansadas e batidas, que envergorham pelo traço miseravel, grosseiro, sinistro. A revista é a fantasia. E' o movimento. A luz. A cor. A dispersão. A fuga. Dura um relampago. Apontamentos e não legendas. *Silhouettes* e não fotografias. Outro tanto na opereta. Agora que se estão fazendo operetas de costumes, com picturescos tradicionais, é preciso não esquecer o que vale a estilização... Ela serve para destruir a fotografia exacta que, pelo realismo, pode pecar por excessiva. E' bom dar ao publico o que ele pretende — mas levantando-o, glorificando-o, educando-o. O caso da rua não pode ser o caso do teatro. Se o é — não tem beleza. Quando muito — mistificação.

ARTUR PORTELA

LER A NOVELA Á «SENSATION»

A noite tragica de Raquel Meller

Nacional S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Edén Variedades

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Lida Silchil e Alexandre de Azevedo e Haul e Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa do arrojado e euzero empresario Luiz Feliza. Actualmente: «Os filhos».

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente: Companhia Esperanza Iris.

Companhia Sotomayor. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amaranite — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Sotomayor, uma notavel actriz que reune o encanto duma novidade fresca ao «tic» parisiense do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão».

Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, mediedade de preços e um espectáculo de avulzadas. Soberbo desempenho de Almeida Cruz, Margarida Ferreira, Costa, o «Cossin» no «Elho de III classe».

Encerrado temporariamente

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournees» triunfais e astartarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «Sagrada familia».

cá por dentro

DUAS LIÇÕES: «Mouraria» e «Bairro Alto»

Ha muitas noites que o vasto teatro de S. Luiz, esgota as suas lotações, com a peça «Bairro Alto». Ha muitos mezes que se conserva no cartaz a peça «Mouraria».

Conversemos uns minutos sobre estes dois exitos.

Em primeiro lugar prova-se que ainda ha quem vá ao teatro. Em segundo lugar que o teatro popular, feito sobre os motivos da vida que o publico vive e conhece, é aquele que tem mais probabilidades de exito. Estes dois sucessos são uma corrente orientadora, na desorientação geral. Já o João Bastos, estes dias comentava:

Agora... é crear a Alfama e deitar-se a dormir!

Não é só isso!

E' preciso fazer mais alguma coisa. O teatro popular entre nós precisa de ser reabilitado. Teatro popular não é teatro baixo. Teatro pitoresco não é teatro de calão. Ha que pegar nas figuras do povo, mas do povo trabalhador, sentimental, expansivo e puro.

Deixemos em paz a rameira com os seus fados. Temos a operaria. Temos a peixeira, temos a flor dos mercados, temos a costureira, temos a rapariga das fabricas.

A prostituta é um tema decadente e sobretudo sedujo.

Ha que trabalhar a vida do povo — se quizerem os seus bairros, o regionalismo da velha cidade das sete colinas. Seria bem curioso esse poliptico dramatico.

Mas, seja como for, procure se levantar sempre o nivel moral da plateia popular.

O nosso soldado, o nosso marujo, o nosso rural, o nosso marítimo têm a sua psicologia, a sua ethica, a sua expressão como elementos de teatro.

E nunca foram teatralizados! A lição foi grande. O publico foi mestre. Que apareçam alunos!

O HOMEM QUE PASSA

ALMOÇO DE HOMENAGEM A AVELINO DE SOUSA

Já está definitivamente organizada a grande comissão que p.r iniciativa do «Jornal dos Teatros» leva a efeito o almoço de homenagem ao feliz auctor da opereta «Bairro Alto» e que se compõe dos srs. João Florencio Gomes, Carvalho Mourão, Silvestre Rodrigues, Carlos Dubini, Dr. Ricardo Jorge (Filho), Armando de Vasconcelos, Jorge Grave, Fernando Pereira, Linhares Barbosa, Augustio Cordeiro, Custodio Nunes e João Rodrigues Ferreira.

Já estão inscriptos para cima de 50 convivas entre distinctas atrizes, actores, escriptores e jornalista.

Está designado o dia 15 de Maio para esta festa de homenagem.

ESTÁ NEURASTENICO?

DISTRAIA-SE COMPRANDO

«O DOMINGO ILUSTRADO»

Edén Variedades

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 26 de Abril

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

CAROS DO SODRÉ, 64, 1.º

LISBOA

Telef.: C. 3601 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

O MINHO
ilustrado

VARIA

MOINHO
DE
PACIENCIA

CRAZ
PALAVRUCIDAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15 4.º ESQ. LISBOA

SECÇÃO CHARADISTICA

SOB A DIRECÇÃO DE

CARLOS RODRIGUES

ORDIGUES (da T. E.)

8
MAIO
1927

N.º 10
4.ª SERIE

Apuramento do n.º 5 (4.ª SÉRIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DESTINÇÃO

MARIANITA	
N.º 2	5 Votos
N.º 7, de BAGULHO	2 votos
N.º 1, de D. SIMPÁTICO	1 voto
N.º 4, de DITE	1
N.º 15, de MAMEGO	1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, DITE, DROPÉ, HOPE, LILI, MAMEGO, ORDIGUES.
Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D. GALENO (da T. E.) (15), EURISTO (12), BIXO KNHOTO (11).
--

OUTROS DECIFRADORES

DOIS PRINCIPANTES, JAMENGAL (6), SPARTANUS (5), FOFORONOFF, RENANDOF (4), MARIANITA (1).

DECIFRAÇÕES

1—procliar, 2—CONSTRUIDA, 3—cometa, 4—galilheado, 5—susana, 6—levador, 7—ello, 8—descabeçado, 9—barroaço, 10—neveda, 11—montaria, 12—selvido, 13—escabeçado, 14—mente, 15—pilotada, 16—moccio, 17—belona.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 4 e 15 de DITE e MAMEGO com 7 decifrações cada uma.

DEDICATORIAS

DITE, DROPÉ, MAMEGO, MARIANITA e ORDIGUES, decifram o que lhes era dedicado.

LOGOGRIFO

1. Eu um dia andei ao sóco—4-5
Com um fulano num barco.
Pardilhe um dente molar,
Mas lá caindo ao charco.

O homem não se ficou
Como a calcanhar estão—1-4-5
E queria desfazer-me—3-2-4-5
Com um simples safanão.—3-4-5-2

Mas en que se jogar box,
Mandilhe um sóco feliz,
Deixando-lhe em bocadinhos
Este «osso do nariz».

Ermezinde FOFORONOFF

OHARADAS EM VERSO

[São os que afirmem ter destruído. Oferto-las: zangas-te?]

2. Porque razão, amor, é que o teu ser a mim se furta, qual astro eclipsado,—1 e eu não almejo a dita de entrevêr o teu rosto de fada, aivo e côrodo?

Porque razão, amor, fazes sofrer, sem que, por algum modo, haja pecado,—1 meu pobre coração, que sem te ver se despedaça, em dor silancado?

Porquê, se tu não tens qualquer razão, me negas a plegria ao coração, que abandonado vive na amargura?

Porquê, cruel, me matas de desejos, roubas a sede ardente dos meus beijos a fonte dos teus lábios, rubra e pura?

Lisboa

[Replica ao meu caríssimo amigo Euristo, a propósito da sua magnífica produção].

3. Porque somos bons amigos?... Ora essa! Porque sei Que aos nossos «bons inimigos», Como você, quasi é lei

Tratá-los bem, nos jornais... Eu adoro o mar bravo; Você então gosta mais Dum socragadinho rio...

Acho bem, e, aqui p'ra nós,—1 Não deve sair da sua.—1 De resto, sei, não souz vós Pessoas que ande na Lu...

Mas lá questões não; não travo; Ficava a um canto, p'lo visto. Mais vale andar no mar bravo Do que na bôca do «EURISTO»...

Lisboa

(Ao bráso D. Simpático, e a todos os totalistas de verdade da pista de territorial).

4. A todos os bons confrades, Desde já mil perdões peço, De dizeis tantas verdades E do tom em que me expresse.

Eu não sou mulher leviãna,—3 Se falei tive razão. «Basta» de fazer ch'cana—1 Com palavreado vão.

Lisboa

(Ao petalante D. Simpático, tendo em vista a parte que me diz respeito na sua recente Procliar).

5. «Conterva-te no teu lugar» não te farão levantar» é um adágio muito apregoado. Portanto, chamo a atenção do confrade para o necessário cuidado 1-2-2

6. Talvez conheçam esse Maria Vaz Um tal que faz muita subida teza, Qualquer perito na matéria diz—3 Provem, prediz, de monos com certeza.

7. E mais não digo, não eston p'ra mais, Dos animais abroctre-me agora. O que vos disse é um indício claro; Logo declaro... que me vou embora.

Lisboa

(Ao petalante D. Simpático, tendo em vista a parte que me diz respeito na sua recente Procliar).

8. Na Av-nida, pelo carnaval, apanhei uma bolsa e muitos outros objectos interessantes; Até apanhei uma espora de um só bico.—3-1

9. A família territorial, onde está instalada não paga «imposto».—3-1

10. Os confrades não cederiam que se move em frente de si, guam para lhe tolher a passagem para o «quadro» do 2.º andar. Aquela charada cede os an mais vão «a madrinha», por força há de ter tocado alguma coisa, certos milos!...—3-1

11. Na Av-nida, pelo carnaval, apanhei uma bolsa e muitos outros objectos interessantes; Até apanhei uma espora de um só bico.—3-1

12. Na casa mais perigosa para quem está com um ataque de doença embora benigno, o permanecer sozinho e com pouco cuidado.—3-1

Lisboa

(Aos illustres charadistas Dois Principantes).

13. Quando levantei o «instrumento místico» para lhe bater V. raspou-se!... Que pena eu tenho de o deixar fugir.—1-2

14. Ao digníssimo confrade Visconde da Relva, agradecendo o seu Salsão.

15. Quando levantei o «instrumento místico» para lhe bater V. raspou-se!... Que pena eu tenho de o deixar fugir.—1-2

16. Nada mais perigoso para quem está com um ataque de doença embora benigno, o permanecer sozinho e com pouco cuidado.—3-1

Lisboa

DITE

DECIFRAÇÕES DO N.º 117

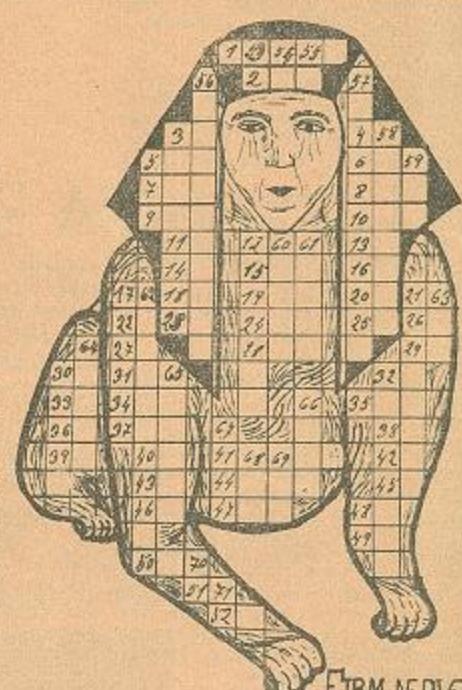
HORIZONTAIS.—2 Ana, 6 ais, 8 ir, 10 la, 12 mar, 13 asa, 14 armamar, 15 dor, 16 má, 17 tricana, 18 má, 19 ri, 20 mi, 21 Ana, 22 lar.

VERTICAIS.—1 Anastacio, 2 ama, 3 ara, 4 ar, 5 Sã, 6 Adria, 7 armar, 8 irmana, 9 animal, 10 la, 11 ir.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador FIRMNERVERG.

HORIZONTAIS.—1 cavidade feita na parede, onde se coloca uma estalua. 2 nome (f.). 3 interjeição de admiração. 4 duas letras de impar. 5 principio. 6 consentimento. 7 saíam. 8 três letras de teia. 9 soldo. 10 composição poética. 11 pronome (inv.). 12 «bebida». 13 inconveniente. 14 duas letras de zinco. 15 teem. 16 duas letras de eldorado. 17 abreviatura que acompanha certas datas. 18 artigo defenido (pl.). 19 «planta». 20 duas letras de neve. 21 criminosa. 22 batracio. 23 duas letras de simular. 24 título de uma tragédia de Corneille. 25 sufixo que designa naturalidade. 26 duas letras de agente. 27 andar. 28 anagrama de ama. 29 laço. 30 instrumento domestico. 31 semelhante. 32 duas letras de agoiro. 33 parencça. 34 criada de men nos. 35 anagrama de mil. 36 parte mais l rga e carnuda da perna da rês. 37 três letras de biscoito. 38 nota de musica (inv.). 39 duas vogais. 40 duas vogais. 41 «ã selvagem da Africa. 42 corrupção popular de José. 43 pronuncia. 44 cidade de Inglaterra. 45 uma sílaba de ordem. 46 caminhava. 47 descoberta. 48 prefixo que exprime negação. 49 nome que os egipcios dão ao sol. 50 catalco. 51 ilha franceza. 52 interjeição de dor.



VERTICAIS.—53 andava. 54 duas letras de cinco. 55 existe. 56 «religião». 57 rei de Mesenia. 58 compaixões. 59 anagrama de pio. 59 parenta. 12 cidade dos E U. da America do Norte. 60 possuia. 61 anagrama de amado. 17 arvorea brasileiras. 62 H-gro. 21 mamífero ruminante. 63 pr. pess. em latim. 64 título dos reis antigos do Egipto. 31 uma d. s três raças pretas da Oceania. 65 criada. 32 mulheres guerreiras. 66 anagrama de nega. 67 porto da Arábia. 68 cidade do Brazil. 69 anagrama de ano. 48 pestar. 70 fluido transparente. 71 pr. pessoal.

Espartilhos e Cintas
Marca «POMPADOUR»
Os melhores, mais resistentes e mais elegantes.
CINTAS MEDICINAIS
para todos os padecimentos abdominais

A POMPADOUR
28, Chiado, 30
Telef. C. 20

Ribeiro & Silva, Limitada
Rua Augusta, 154 156
Telefone C. 2468

Alfaiates para homens e senhoras e artigos de novidade

COMPLETO E VARIADO SORTIDO DE FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS RECEBIDAS DOS PRINCIPAIS FABRICANTES

Farinha Lactea "Nestlé"



BRINDE

Aos consumidores da *Farinha Lactea "Nestlé"* e do *Leite Condensado "Moça"*: Em troca de cada remessa de 20 rotulos de *Farinha* ou de *Leite*, (dos que vão colados á lata), um magnifico babette de borracha.

Agente geral: **J. ROUSE**, Rua da Madalema, 214, 2.º — LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior fragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO

ilustrado



CONCHITA ULIA

A famosa «tonadillera» Conchita Uliá que, tendo obtido os maiores triunfos como «estrela» de variedades, se acaba de estrear com exito enorme na declamação, interpretando um primeiro papel no «Turco do Calhariz» no Politeama.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING